

SOTIGUI KOUYATÉ, UM GRIOT NO CEARÁ

"Guardo-te, guardo centelhas de ti por todo o mundo,
Eu te busco pelas histórias para não te esquecer,
Para que não sejas esquecido pelo mundo.
Que mundo! Esse mundo que se transforma, que morre com essas
velhas e esses velhos que se retiram.
Logo haverá apenas as testemunhas dos grandes do século XX,
Esses artistas, esses filósofos, esses cineastas, esses escritores que
nos deixando juntam-se do outro lado do espelho,
O outro mundo, qual?"²

Assim que o Professor Franck Ribard me pediu para escrever um artigo para este livro tão necessário e importante neste difícil momento em que vivemos no nosso país, a primeira coisa que me veio à cabeça foi exatamente a razão para ter sido convidado para esta X Mostra Internacional de Cinema Africano: o Encontro que tive com um dos homenageados, o griot Sotigui Kouyaté que fez sua passagem em 2010. Nesse sentido, sinto que meu pai Sotigui, com aquele sorriso maroto que lhe é peculiar, diria para contar o que eu vi e vivi nos dois dias que tive a felicidade de estar presente. Quando falo do Sotigui é difícil usar o tempo passado, pois ele continua vivo nas histórias, nos ditados, nos exercícios, enfim, no legado que permanece entre nós e na linda descendência que continua na sua função de griot através dos seus filhos de sangue, dos seus filhos adotivos e na indissolúvel ancestralidade que sempre o sustentou e sustentará.

1. Professor Assistente de Interpretação teatral da Faculdade Cal de Artes, Rio de Janeiro. Doutor em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ator e diretor de teatro.

2. Poema de Esther Marty-Kouyaté em homenagem ao seu marido Sotigui Kouyaté. Esther, uma pessoa iluminada, fez sua passagem em janeiro de 2018. Tradução Antonio Tostes.

Uma das coisas que aprendi com Sotigui é que não devemos nunca rejeitar um convite para conhecer o outro ou aquilo que ignoramos. Este princípio tem me guiado frequentemente. Mesmo que seja impossível dar prosseguimento a algum trabalho por razões diversas, um primeiro Encontro será sempre uma maneira de trocar, compartilhar, enfim, aprender com o outro. A participação nesta Mostra era quase impossível, pois na mesma semana eu estrearía em São Paulo a peça Céus, do libanês Wajdi Mouawad, dirigida por Aderbal Freire Filho. No entanto, era

irrecusável participar de uma homenagem a este griot que tanto nos iluminou com seu olhar e suas palavras. Além disso, havia a oportunidade de conhecer a Universidade Federal do Ceará e um corpo docente tão atuante e profícuo no estudo e na produção de trabalhos sobre a África e os laços que a unem ao Brasil, bem como na questão da valorização desta ancestralidade que com certeza está presente em qualquer brasileiro, independente de cor, etnia ou crença. Por outro lado, era a chance de entrar em contato com a arte do outro homenageado e amigo de Sotigui, o grande cineasta do Niger, Moustapha Alassane (1942-2015). Sotigui foi dirigido por ele em FVVA (1972) e Toula, o espírito das águas (1973).

Durante as suas oficinas, Sotigui dizia que o maior mal que assola a humanidade é a ignorância. Para clarear esta afirmação costumava contar uma pequena história:

Dizemos que o estrangeiro é um homem rico porque ele nos traz aquilo que não sabemos. Tradicionalmente, todas as noites ele conversa com a família e todos à sua volta lhe fazem perguntas sobre o lugar de onde ele vem. Se o lugar é bom ou ruim. Na África acreditamos que o pior mal é a ignorância. Isto é, não saber o que se passa com os outros. Temos provérbios que nos ensinam a não nos perdermos no olhar dos outros. Olhar, olhar bem para nos encontrarmos no olhar do outro. Desta maneira, veremos que há mais coisas que nos aproximam do que coisas que nos afastam. Assim podemos encontrar nas outras pessoas todas as nossas qualidades, e caminhar em direção ao melhor de nós mesmos. (Kouyaté: 2004, 75).

Apesar de ser um Encontro no Brasil, no qual eu não era obviamente um estrangeiro, a sensação que tive foi semelhante a um dos versos da conhecida música cantada por Elis Regina, “o Brasil não conhece o Brasil³. A filosofia africana, a qual Sotigui pertence, ensina-nos que dentro das pessoas existem várias pessoas, e é através do contato com o outros que conhecemos estas várias pessoas que nos habitam. Enfim, um Encontro verdadeiro é sempre uma maneira de exercitar o autoconhecimento e poder ir ao melhor si mesmo. Acredito que foi o que ocorreu, pois o contato breve, mas intenso com as professoras e professores Franck Ribard, Sandra Petit, Lourenço Cardoso, Ana Monica Lopes, Cristina dos Santos Ferreira, Túlio Muniz, Basilele Malomalo e alunas e alunos de pós graduação, trouxe-me uma esperança renovada neste Brasil tão sem rumo. Um Encontro é bom quando não termina no fim, ou seja, quando planta sementes férteis. O conhecimento que venho adquirindo através da troca de artigos, informações e sabenças, é muito precioso. Serei eternamente grato pelo convite.

3. Querelas do Brasil, música de Maurício Tapajós e letra de Aldir Blanc, Álbum Transversal do Tempo, lançado em 1978.

A oportunidade de falar sobre a presença de um griot como Sotigui Kouyaté no cinema africano me fez entrar em contato de forma renovada com filmes que tratei no meu livro *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté* a partir da minha Tese de Doutorado⁴. No livro faço um recorte a partir de três filmes protagonizados por Sotigui, todos apresentados na Mostra: *A Coragem dos Outros* (Burkina Faso, 1982), de Christian Richard, *A Herança do Griot* (Burkina Faso, 1995), de Dani Kouyaté e *Little Senegal* (Senegal, 2001), de Rachid Bouchareb. Também foi muito interessante rever outros filmes que serviram como referência para a tese como *A Gênese* (Mali, 1999) de Cheik Oumar Sissoko, que contou com uma análise bastante elucidativa da Professora Ana Monica Lopes, cujo artigo está presente também neste livro. Tive uma grata surpresa ao saber que a professora Sandra Petit utiliza o meu livro em sala de aula e que vários alunos se interessavam por ele. A conexão que podemos fazer de forma efetiva e perene no meio acadêmico e para além dele, parece-me fundamental neste momento onde tudo corrobora para nos isolar e nos separar. É impossível desvincular esta Mostra, que mergulha na ancestralidade africana e nos seus desdobramentos na formação cultural, social e política do nosso país, da situação gravíssima pela qual passa a população negra no Brasil.

O racismo é inaceitável e as consequências dele podem ser vistas nos vários setores da sociedade. A morte precoce de jovens negros é alarmante. E sabemos que tudo começa na maneira como e o que as pessoas aprendem na escola e na família. A importância de fazer valer a Lei 10.639/2003 que, entre outras coisas, torna obrigatório o ensino sobre história e cultura Afro-Brasileira é prioridade, pois pode ser um fator fundamental para tirar as pessoas da ignorância sobre a formação do seu povo, da sua cultura e do seu país.

Em nota publicada no jornal *O Globo*, de 18 de novembro de 2017, soube que foi inaugurada por quilombolas em Magé, no Rio de Janeiro, a Escola Agenor Miranda Rocha, primeira escola de ensino fundamental baseada em pedagogia afro e com valores de matriz africana. O nome foi dado em homenagem a um importante oluô, o olhador dos preceitos, saberes e informações transmitidos pelos orixás através do jogo de búzios. Fiquei muito esperançoso com esta iniciativa e postei imediatamente no Facebook. O apoio foi impressionante, porém uma pessoa achou um absurdo e destilou um ódio descomunal com um comentário completamente ignorante e ironicamente concluiu: “Ciência, matemática, pra que serve estas porcarias? Falem sério! Deixem estas coisas para serem estudadas em cursos ou mesmo em faculdades de antropologia”.

4. O Olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir do *Encontros com Sotigui Kouyaté*, defendida em abril de 2008 na UNIRIO.

A discussão poderia ser interminável, mas achei por bem responder que uma das razões pela qual fazia esta escola ser necessária era exatamente por causa deste tipo de comentário. Esta pessoa não sabe nada sobre a nossa história e principalmente sobre a dívida ética, moral, social e cultural que temos com a ancestralidade africana e com as raízes plantadas aqui em nosso país e que jamais serão retiradas. Ou seja, se ele tivesse estudado esta pedagogia africana na escola, talvez jamais tivesse dito isto. Tudo fruto da ignorância. Assim voltamos à razão da minha vinda para Fortaleza. Clarear o meu olhar.

Em passagem por São Paulo, onde foi duramente hostilizada e agredida, a filósofa americana Judith Butler declarou⁵:

Eu vou me lembrar do Brasil por todas as pessoas generosas e atenciosas, religiosas ou não, que agiram para bloquear os ataques e barrar o ódio. São elas que parecem saber que o fim da democracia é manter acesa a esperança por uma vida comum não violenta e o compromisso com a igualdade e a liberdade, um sistema no qual a intolerância não se transforma em simples tolerância, mas é superada pela afirmação corajosa de nossas diferenças.

O contato com a professora Sandra Petit (UFC) que me apresentou a sua Pretagogia, na qual encontrei inúmeros pontos em comum com a pensamento e a ação de um griot na sociedade, e a busca pela ancestralidade através do corpo-dança como formação de professores, faz todo o sentido para mim que há 15 anos está envolvido com a filosofia e os ensinamentos do griot Sotigui Kouyaté, o qual sempre uniu arte e vida para alimentar a sociedade. Em malinké, língua materna de Sotigui, a palavra com a qual se nomeia o griot é djeli, que significa sangue, ou seja, o griot é o sangue que alimenta a sociedade. Acredito que a filosofia presente na Pretagogia busca, através da consciência das raízes africanas, alimentar os professores, que, por sua vez, semearão estes saberes e vivências nos alunos e, assim, sucessivamente numa corrente circular.

Outro Encontro muito significativo, para mim, ocorreu com professor Lourenço Cardoso (Unilab), ao ouvi-lo durante a mesa redonda sobre O Cinema e a História da África. Tive uma sensação semelhante à que tive quando muito jovem ouvi o jornalista João Saldanha também participando de uma mesa redonda na UERJ, em 1982, no Rio de Janeiro. Era um debate sobre violência no esporte com psicólogos, sociólogos, professores de educação

5. Folha de São Paulo, 19/11/2017. Caderno Ilustríssima.

física e o Joao Saldanha. Depois de várias análises teóricas sobre as causas da violência, Saldanha desabafou: “achei que queria que eu falasse do pontapé que o Perivaldo deu ontem no atacante do Fluminense. Se um garoto vier roubar o meu relógio no sinal, eu falo para ele: leva, pode levar, violência para mim é o arrocho salarial, esta política do governo”.

Digo isto porque uma das primeiras coisas que o Lourenço mencionou foi o massacre que havia ocorrido há poucos dias na Somália, no qual morreram mais de 500 pessoas. No entanto, a mídia praticamente não tratou do assunto e rapidamente o fato caiu no esquecimento. Acredito que a fala do Lourenço nos faz lembrar que o cinema africano é um cinema de resistência, de luta, pois é feito num continente explorado há séculos e neste momento abandonado à própria sorte.

Não podemos separar o cinema africano do ato político implícito na sua feitura. E com o mesmo raciocínio, podemos entender a necessidade da luta contra o racismo em nossa sociedade, pois quando este não é evidente, é escamoteado e se revela, por exemplo, na falta de interesse na cobertura pela imprensa de um atentado tão brutal ocorrido num país africano. Da mesma maneira, isto ocorre no Brasil com um índice elevadíssimo de jovens negros assassinados a todo momento. Tudo está ligado. Somos todos um. Tudo repercute. Por isto, acredito que a possibilidade de um mundo mais justo reside na união de forças que queiram, justiça, dignidade e oportunidades iguais para todos. Não importa a crença, a cor, a etnia ou a orientação sexual, precisamos uns dos outros para acabar com o preconceito e a discriminação.

Sinto que este espaço que me foi concedido para falar do griot Sotigui Kouyaté, meu pai e mestre, trouxe-me a possibilidade de abrir o coração e escrever a partir da sensibilidade, mesmo não seguindo um viés acadêmico. Aprendi com Sotigui que o acaso não existe, o Prof. Franck Ribard, organizador desta Mostra, chegou até mim através de um Encontro com minha filha Julia em Paris, cidade onde Sotigui viveu mais de 30 anos e onde faleceu. Por todos estes sinais, termino por onde comecei: celebrando a força dos Encontros como fatores de conhecimento e transformação.

Na arte de contar histórias aprendi que além do conto, temos o começo do começo e o fim do fim. Para concluir fiquemos então com a sabedoria de um poema de Birago Diop, distribuído pelos amigos, após a passagem de Sotigui em 2010:

Sopros⁶

Escute mais as coisas que os seres
A voz do fogo se espalha,
Ouça a voz da água.
Escute no vento
A savana soluçando:
É o sopro dos ancestrais

A voz do fogo se espalha,
Ouça a voz da água.
Escute no vento
A savana soluçando:
É o sopro dos ancestrais

Os que morreram nunca se foram
Eles estão na sombra que se ilumina
E na sombra que se escurece.
Os mortos não estão sob a terra
Estão na árvore que balança,
Estão na madeira que geme
Estão na água que corre
Estão na água que dorme,
Estão na cabana, estão na multidão:
Os mortos não estão mortos.

REFERÊNCIAS

BERNAT, Isaac Garson. *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

KOUYATÉ, Sotigui. *Sotigui Kouyaté em foco*. FOLHETIM. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto. Janeiro-Junho de 2004, n° 19.

PETIT, S. H.. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores*. 1. ed. Fortaleza: Ed UECE, 2015.

6. Tradução do Francês
de Antonio Tostes